

Crítica // Cazuzza: boas novas ★★★★★

Cazuza de corpo inteiro

Ricardo Daehn

Houve quem quisesse ver Cazuza frágil, mas a realidade era oposta: vinha, de pronto, a chama da “porrada”, imperativa no dia a dia do cantor; como destaca um dos entrevistados do documentário *Cazuza: Boas novas*, a cargo da dupla Roberto Moret e Nilo Romero. Exaurido, o compositor (pioneiro em abrir, publicamente, a condição de portador do HIV), cantava deitado, na urgência de resistir, e passar o recado de inconformismo e afinar o gosto do público, mesmo em indesejada atmosfera mercadológica, quando cedia a entoar *Faz parte do meu show* (“o namoro da Nara Leão com Menescal”, como ironizava um amigo do cantor, morto aos 32 anos, em 1990).

Testemunha cotidiana na vida de Cazuza, Romero (amigo e parceiro musical do artista)

DIVULGAÇÃO



Cazuza: portador de boas novas

busca balizar o longa com harmonia, num encadeamento de memórias e depoimentos que renovam a vitalidade da poesia do “menino querido”, como pontua o fotógrafo Flávio Colker. “Tesudo de trocar energia com o público”, como ressaltava, Cazuza, outrora o trovador do excesso, é saudado por figuras absolutamente próximas, como Léo Jaime que destaca “a potência vocal, o afinamento e a consciência cênica”, mesmo na reta final. Empresária, Márcia Alvarez comparece para contar

do contorno de situações como a de ter UTI instalada na porta da gravadora. E é ela quem decifra que Cazuza “era (um) amor” e “era o amor”, brilhante e “completinho”. Se há crítica, na fita, da imprensa capaz de registrar o “mundo dele, indo”, “definindo”, num quinhão de “crueldade” (como observa Léo Jaime), há o equilíbrio de um Arthur Dapieve, fabulando o drible na morte imposto por Cazuza (com quê de Xerazade), hábil em perpetuar a importância de suas mensagens.

O Cazuza que esbravejava também habita o documentário. Ele conceitua “o modelinho perfeito” embutido na Aids, à luva, para satisfazer “a deselegância da direita e da Igreja” e também protagoniza o polêmico episódio da cusparada na bandeira do Brasil (desiludido com a irrealdade da “Ordem e Progresso” propalada). À época, ele traçou paralelos entre o Vietnã e a situação da Amazônia e do “Apartheid” de um Brasil “disfarçado de democracia”.

Junto com um riqueza de arquivo, que contempla fotografias de Miriam Prado, e de apresentações de músicas como *Quando eu estiver cantando* (parceria com João Rebouças) e *Codinome Beija-Flor* (Cazuza, Reinaldo Arias e Ezequiel Neves), o filme se completa, quando transborda, em cena, amor e encantamento, nas participações daqueles que mais guardaram a luz de Cazuza: a mãe Lucinha Araújo, Frejat, Ney Matogrosso e o pai, João (morto em 2013).

Crítica // *Cloud* — Nuvem de vingança ★★★★★

O reverso da fortuna

Nem precisava do fato de ser inspirado em caso real: o novo filme do japonês Kiyoshi Kurosawa, por si, e pela trama já chama a atenção. Vencedor no 77º Festival de Veneza do prêmio de direção, com *Leão de Prata*, pelo longa *A mulher de um espião* (2020), Kiyoshi agora trata de uma juventude carreira e precipitada, na figura de Yoshii (Masaki Suda). Sob o codinome de *Ratel*, o jovem tentará trapacear e enriquecer,

nas negociações de produtos duvidosos vendidos em esquema online. Acompanhando a trajetória torta, Muraoka (Masataka Kubota), um ex-parceiro repleto de ressentimento, irá testemunhar a pretensa ascensão de *Ratel*, ao lado da enamorada Akiko (Kotone Furukawa). Além da trama de crime e castigo, o diretor manobra com habilidade elementos de terror psicológico e impotência, diante do inusitado. (RD)

02 PLAY/ DIVULGAÇÃO



Cloud — Nuvem de Vingança: premiado no Festival de Veneza